



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT dá continuidade a um debate iniciado em 2015, que respondia a três distintas ordens de problemas: a dimensão política da dor, as técnicas de governo e a escrita etnográfica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes são esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articulações entre técnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu viés analítico é o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como "dor", "sofrimento", "sofrer"; os desafios metodológicos são como fazer etnografia de/em situações de sofrimento; e suas composições políticas - até onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaixão desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condição comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribuições que, independentemente de vínculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a forma política produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espaço à forma produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e populações governáveis. E, de outro lado, não se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de análise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

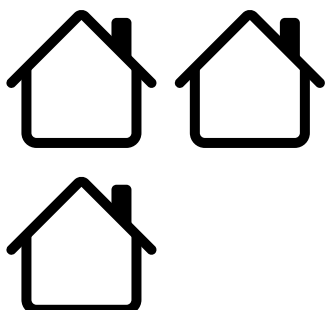
Fazer a guerra, produzir sofrimento: as formas de atuação estatal em favelas do Rio de Janeiro

Autoria: Alexandre Magalhães

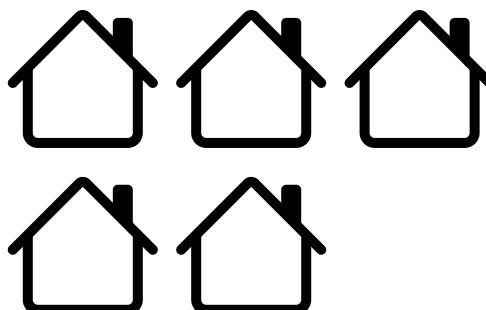
Minha intenção nesta comunicação é levar a sério as inúmeras vozes individuais e coletivas que falam sobre uma "guerra" em curso no Rio de Janeiro, desde a grande imprensa e as autoridades, até o conjunto dos habitantes da cidade, principalmente os moradores de favelas. Tomando como ponto de vista fundamental a posição destes últimos, buscarei demonstrar como o recurso a noção de "guerra" extrapola a ideia de uma metáfora que forneceria o mapa cognitivo a partir do qual a experiência da "violência urbana" é realizada por esses atores. Minha intenção é apontar para o fato de como a guerra é um recurso não apenas cognitivo, mas fundamentalmente político, no sentido que orienta e define o governo da vida e da morte (distribuindo-os desigualmente entre as diferentes classes e grupos sociais). Nesse sentido, sugiro pensar as relações entre os diferentes aparatos estatais e os moradores de favelas a partir do que chamei em outro lugar de "lógica da destruição", na qual a guerra emerge como o modo mesmo de governar estas populações. Para levar adiante tal empreitada, as reflexões que serão apresentadas se articularão a partir de dois conjuntos de universos empíricos, as remoções recentemente levadas a cabo pela prefeitura e a intervenção federal nas forças de segurança estaduais. Intentarei demonstrar, etnograficamente, dois processos interconectados: por um lado, como as experiências de vida destas populações se constituem a partir de uma constante exposição à morte, a formas de destruição de seus modos de existir na cidade, e a produção de dor e sofrimento. Por outro, que formas essas pessoas criam para contornar ou atravessar a destruição e a devastação para continuar existindo e reabitar a vida.



Realização:



Apoio:



Organização:

